

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

O conhecimento popular sobre plantas: um estudo etnobotânico em quintais do distrito de
Martinésia, Uberlândia - MG

Cecília Langoni Salgado

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Ciências Biológicas, da Universidade
Federal de Uberlândia, para obtenção do grau
de Bacharel em Ciências Biológicas.

Uberlândia -- MG
Fevereiro -- 2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

O conhecimento popular sobre plantas: um estudo etnobotânico em quintais do distrito de
Martinésia, Uberlândia - MG

Cecília Langoni Salgado

Dra. Lúcia de Fátima Estevinho Guido

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Ciências Biológicas, da Universidade
Federal de Uberlândia, para obtenção do grau
de Bacharel em Ciências Biológicas.

Uberlândia – MG
Fevereiro – 2007


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

O conhecimento popular sobre plantas: um estudo etnobotânico em quintais do distrito de
Martinésia, Uberlândia - MG

Cecília Langoni Salgado

Dra. Lúcia de Fátima Estevinho Guido
Instituto de Biologia

Homologado pela Coordenação do Curso de
Ciências Biológicas em / / .


Dra. Vera Brites


Uberlândia – MG
Fevereiro – 2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

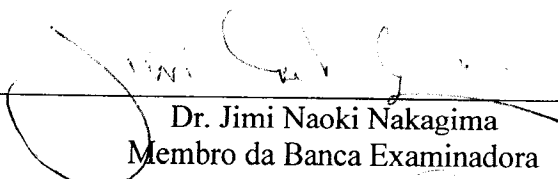
O conhecimento popular sobre plantas: um estudo etnobotânico em quintais do distrito de
Martinésia, Uberlândia - MG

Cecília Langoni Salgado

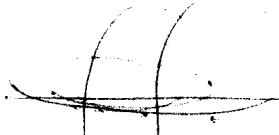
Aprovada pela Banca Examinadora em: 4 / 5 / 2007, Nota: 7,0



Dra. Lúcia de Fátima Estevinho Guido
Presidente da Banca Examinadora



Dr. Jimi Naoki Nakagima
Membro da Banca Examinadora



Dr. Oswaldo Marçal Junior
Membro da Banca Examinadora

Uberlândia, 16 de Fevereiro de 2007

AGRADECIMENTOS

Sem sombra de dúvidas este é um momento extremamente importante neste trabalho, se não o mais importante de todos eles! Pois se não fosse todo o apoio que recebi, seja ele material, espiritual ou de qualquer origem, eu não estaria aqui!

Mais do que um agradecimento único e exclusivo em relação à minha monografia, agradeço aqui a todos por esta, passadas e futuras etapas de minha vida!

Se cheguei até aqui, e certamente ainda irei muito mais longe, é graças ao que sou e ao que vocês me fizeram ser!!!

Primeiramente agradeço à minha família. Meus pais: Péricles e Maria Angélica, que em todos os momentos me apoiaram e estiveram ao meu lado! Amo vocês e agradeço sempre, mesmo que sem falar, por ter a honra de ter vocês como meus pais! Aos meus irmãos Bruno, Alice e Maria: muito obrigada! Cada um com seu jeito, com sua personalidade. Sempre tenho vocês comigo, seja no coração ou no meu próprio jeito de ser, que também tem muito de vocês! Se por algum motivo um dia escolhermos vir juntos para esse mundo, não tenho dúvidas de que eu escolheria novamente todos vocês, a mesma família!!!

Ao Meu Amor! Agora realmente acredito que o amor se conquista e com ele muito se aprende! Por todos estes anos e futuros tempos que virão, agradeço por cada momento que passamos juntos! Te amo, e não só neste sentimento vago de amar, que se diz por aí, solto no tempo e no vento. Amo sim, no sentido de que melhor do que explicar é o sentir! E a gente sente!!! De “brinde” com você ainda venho uma família maravilhosa: Poloca, Luciana, Daniel e João (fora os agregados). Também agradeço a eles pelo acolhimento e carinho! Uma família que terei para sempre!

À inigualável e insubstituível “Malacofauna”: Furinho, Patrícia, Alana, Rafa e Carolzinha. Sem sombra de dúvidas vocês são muito mais que amigas. São grandes irmãs que nos reencontramos em meio a tanta gente no curso. Muitas viagens, confidências e alegrias compartilhadas. Muitas saudades e muito carinho! Sempre!

À todos os meus amigos: Pequena. Alexandre, Gustavo, Khelma, Grazi... Sou parte de cada um de vocês! E se não tenho mais nomes a citar não é por falta de amigos, mas por falta de memória!

Ao companheiro de idas e vindas ao campo, Neydson. É cada figura que a gente encontra pelo caminho hein! E também ao nosso sempre e fiel “anfitrião”: o homem de camisa amarela na janela! rs!!!

À Beth e Adriana, por toda atenção e vontade com que me ajudaram na identificação das espécies e no decorrer do trabalho.

Aos professores Jimi e Oswaldo que, além de aceitarem participar da minha banca, também foram professores com os quais sempre pude contar durante toda minha faculdade.

À Lúcia. Mais que uma orientadora, uma grande amiga! Aquela que se empolgava e embarcava em todas as idéias mais loucas que eu tinha, e vice e versa! Dentre tantas coisas que com ela aprendi nunca me esquecerei: tudo dá certo até que se prove o contrário! Ah, e uma agenda sempre cabe mais um compromisso enquanto ainda tiver linhas, rs!!!

À meus informantes: MUITO OBRIGADA! Foram manhãs e tardes maravilhosas embaixo de um pé de abacate ou na beira do fogão a lenha! Pessoas com quem aprendi muito além de plantas, mas também de viver: “Desde o primeiro dia fomos tratadas como pessoas “de longe”, acabadas de chegar e, no entanto, já quase “de casa” (Brandão, 1999, p. 19).

À todos, o meu sincero agradecimento!!! Obrigada, por tudo!!!

RESUMO

A etnobotânica aborda as distintas formas de interação e relação que grupos humanos possuem com a vegetação. Caminhando por entre conceitos das ciências biológicas e ciências sociais, em especial da antropologia, a etnobotânica utiliza uma visão interdisciplinar, relacionando o mundo material, simbólico e social estabelecidos por diferentes culturas. O presente estudo teve por objetivo fazer um levantamento etnobotânico nos quintais no distrito de Martinésia, Uberlândia – MG. O estudo foi realizado através de entrevistas semi-estruturadas realizadas entre maio e dezembro de 2006, totalizando 11 quintais visitados. Ao todo participaram da pesquisa 15 informantes, sendo 11 mulheres e 4 homens, com idade média de 67 anos. Todos os informantes são os responsáveis pelo cuidado com o espaço de cultivo da casa. A denominação mais usual para este espaço é “quintal”, podendo este também ser referido como: “fundos”, “área verde”, “horta”, “roça” e “roçado”. Os produtos gerados nos quintais são, em sua grande maioria, consumidos pela própria família ou compartilhado com amigos e vizinhos. O conhecimento e gosto pelas plantas e pelo plantar é de origem familiar, onde a figura materna é bem expressiva. A transmissão deste conhecimento se dá de maneira informal e espontânea. Ao todo foram identificadas 230 espécies vegetais, pertencentes à 74 famílias. Destas, quatro tiveram o maior número de espécies citadas, sendo: Asteraceae (19 espécies), Lamiaceae (17 espécies), Solanaceae (12 espécies) e Euphorbiaceae (10 espécies). As espécies vegetais foram agrupadas de acordo com seus usos em cinco categorias principais: Ornamentação (36,2%), Alimentação (33,4%), Medicinal (8,2%), Condimentar (5,2%) e Outros usos (17%). Os resultados mostram a importância dos saberes populares, tanto pelo conhecimento em si como pelo sentimento de carinho e respeito para com o meio a sua volta.

Palavras chaves: etnobotânica, quintais, saber local, conhecimento popular

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. MATERIAL E MÉTODOS	04
2.1. Área de estudo	04
2.2. Coleta de dados	05
2.3. Análise dos resultados	08
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	09
3.1. Da metodologia	10
3.2. O perfil dos informantes	11
3.3. O espaço de cultivo da casa	13
3.4. Martinésia: ontem, hoje e amanhã	19
3.5. A cultura botânica: o gosto pelas plantas	22
3.6. A riqueza vegetal	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
6. APÊNDICE 1	30
7. APÊNDICE 2	32

1. INTRODUÇÃO

A relação homem-natureza é muito complexa e ao longo dos tempos foi se alternando entre dominar e proteger a natureza. Além disso, há visões diferenciadas sobre tal relação, de acordo com as diferentes culturas (Amorozo, 2007).

As populações locais, em geral, possuem uma proximidade muito grande com o meio a sua volta. Isto ocorre, dentre outros motivos, pela necessidade de explorar do meio, recursos que serão utilizados para as mais variadas finalidades. Assim essas populações possuem geralmente um alto conhecimento sobre o ambiente (Amorozo, 2002).

Segundo Woortmann; Woortmann (1997), a relação entre tais populações e os recursos naturais expressa, necessária e reciprocamente, duas dimensões inseparáveis, sendo elas: a simbólica e a material. Isto é, ao trabalhar a terra o homem realiza outro trabalho, o da ideologia: juntamente com a produção de alimento produz categorias sociais. O processo de trabalho se torna assim um desencadeador tanto de ações técnicas como também de ações simbólicas. Ou seja, além de produzir cultivos, o trabalho produz cultura (Woortmann; Woortmann, 1997).

Até cerca do século XVII, o “homem do campo” era considerado, com legítima razão, como um sábio, um bom detentor de conhecimento sobre o mundo natural a sua volta. No entanto, no século XVIII, com o surgimento de um novo “hobbie” – o estudo da história natural – pelas classes mais abastadas da sociedade, mudou-se o rumo dessa visão (Thomas, 1989).

Percebe-se, cada vez mais, a desvalorização do conhecimento popular em relação ao conhecimento científico. No entanto o conhecimento popular não findou, mas permaneceu restrito a grupos isolados que o mantêm em razão de sua cultura e são assim transmitidos de geração à geração (Thomas, 1989).

A crise ambiental desencadeada, em parte, pelo modo de vida e produção capitalista gerou uma busca por um novo modo de relação com o meio (Alphandéry; Bitoun; Dupont, 1992). Com isso, os olhares se voltaram para populações com maneiras diferentes de pensar e viver, menos prejudicial ao meio. Assim, o “Saber Local”, contextualizado cultural e ambientalmente, está cada vez mais chamando a atenção de pesquisadores de distintas áreas (Amorozo, 2002).

Deste modo se inicia a valorização de estudos sobre o etnoconhecimento, bem como a etnobiologia. Isto é, em busca de um novo relacionamento é necessário uma nova visão e foco para o mundo. Para tanto torna-se imprescindível estudar como as comunidades locais se

relacionam com o meio a sua volta, uma vez que elas se baseiam na relação equilibrada entre homem-natureza e não na acumulação indevida de bens (Amorozo, 2002).

Em termos gerais, a etnobiologia aborda estudos que visam perceber o papel da natureza sob os olhares das populações locais dentro de um sistema de crenças e adaptações do homem com o meio (Albuquerque; Lucena, 2004; Begossi; Hanazaki; Silvano, 2002). Cria-se a necessidade de uma visão interdisciplinar que relacione os mundos natural, simbólico e social estabelecidos por diferentes culturas, para o estudo da etnobiologia, bem como de seus ramos (Posey, 1987).

Os estudos etnobiológicos são, em grande parte, realizados por uma nova geração de pesquisadores, atentos à necessidade da participação social no estabelecimento de políticas públicas conservacionistas. Tais estudos têm em vista a utilização de recursos biológicos por diferentes povos e etnias (Almeida; Albuquerque, 2002; Diegues, 2000).

Dentro da abordagem etnobiológica, um dos ramos que mais progrediu foi o da etnobotânica (Almeida; Albuquerque, 2002). Caminhando por entre conceitos das ciências biológicas e das ciências sociais, em especial da antropologia, ela aborda distintas formas de interação e relação que grupos humanos possuem com a vegetação (Amorozo, 2002; Marques, 2002; Begossi; Hanazaki; Silvano, 2002)

A utilização das plantas se dá das mais variadas maneiras, tais como: alimentação, vestimenta e abrigo. Estas, por sua vez, representam uma das bases da cultura material da humanidade (Balick; Cox, 1997). Medeiros; Fonseca; Andreato, (2004) afirma que a vegetação é a identidade de uma população, já que por meio dela as pessoas refletem o que pensam e o que são, estabelecendo um vínculo com o meio à sua volta.

A etnobotânica pode servir como auxílio na identificação de práticas adequadas ao manejo da vegetação. Além do mais, a valorização e a vivência das sociedades humanas locais pode embasar estudos sobre o uso adequado da biodiversidade, incentivando, não apenas o levantamento das espécies, como contribuindo para sua conservação (Fonseca-Kruel; Peixoto, 2004).

O contato com a sociedade capitalista está conduzindo as populações locais a perderem seu referencial cultural e como consequência antigas práticas de manejo estão se perdendo ou estão entrando em esquecimento. Este contato também tem levado à exploração abusiva dos recursos naturais devido ao aumento da população e/ou da entrada destas na economia de mercado (Amorozo, 2002).

Albuquerque; Andrade (2002) comentam que uma vez perdido, o conhecimento advindo da cultura popular se torna irrecuperável. Do mesmo modo Guarim Neto; Moraes (2003)

adverte que os recursos naturais, se extintos, não mais se encontrarão disponíveis às futuras gerações.

Ciência e Saber Local são fontes de conhecimento, no entanto, trazem destaques e pontos de vista distintos. A ciência apresenta uma visão global do conhecimento e o saber local uma visão particular. O trabalho em conjunto destas diferentes visões tem alcançado resultados mais férteis do que quando realizados em separado. Tal fato é de extrema importância no que se refere à complexa problemática do uso e conservação dos recursos biológicos (Amorozo, 2002).

As populações locais possuem o seu modo próprio de trabalhar o meio a sua volta. Esta grande gama de informações é ainda muito desconhecida pelo meio científico. Tais informações podem ser de grande utilidade para o conhecimento acerca de atividades menos perturbadoras sobre o meio (Amorozo, 2002).

Ao perceber a atual relação homem-natureza, consideramos de extrema importância o entendimento de como as comunidades locais percebem o meio a sua volta, bem como interagem com o mesmo. Neste estudo, especificamente, analisando-se a área de cultivo domiciliar.

Por serem locais de acesso imediato, são nessas áreas que se encontram plantas oriundas de outras regiões e/ou espécies vegetais nativas, sendo que o plantio é utilizado para as mais diferentes finalidades: alimentares, condimentares, medicinais, ornamentais (Botrel (2001) apud Barbosa, 2004; Amorozo, 2007).

Amorozo (2007) avalia às áreas de cultivo domiciliar como locais de extrema importância não só para a manutenção das tradições locais como para a segurança alimentar global. Isto se deve tanto ao fato de oferecer certa autonomia ao agricultor, como também por ser uma rica fonte de germoplasma para o desenvolvimento de novos híbridos à agricultura de larga escala.

Tendo em vista a importância do conhecimento popular, o presente estudo teve como objetivo geral fazer a caracterização dos quintais do distrito de Martinésia, município de Uberlândia – MG. Os objetivos específicos deste trabalho foram: verificar o significado e uso que o quintal, assim como as plantas, têm para os moradores locais; fazer um levantamento das espécies vegetais cultivadas bem como realizar a identificação taxonômica das mesmas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1. Área de estudo

“O diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que sou e nem todos são como eu sou” (Brandão (1986) apud Garrote, 2004, p. 14).



Vista aérea do distrito de Martinésia – MG. Fonte: <http://earth.google.com>

Uma centena de casas, árvores na calçada e pessoas sentadas embaixo delas, quase que o tempo todo. Um coreto em frente à igreja, de onde se avista quase tudo. Uma quadra de esportes do lado da praça. Posto de saúde, posto policial, cemitério, campo de futebol e a escola. Assim se deu o meu primeiro contato visual com o distrito de Martinésia.

Este contato aconteceu pelo envolvimento com um grupo de pesquisa já anteriormente formado. Mas o que realmente me fez ficar lá, e iniciar esta pesquisa foi o afeto e o carinho com que fui recebida e que senti pelas pessoas e pelo lugar!

Localizado à 32km do distrito sede, Martinésia é um dos cinco distritos do município de Uberlândia e tem como base econômica as atividades agropecuárias. Segundo o Censo IBGE 2000, de todos os distritos, Martinésia é o que possui a menor população com cerca de 871 habitantes, dos quais, aproximadamente 541 na zona rural e 330 na zona urbana (Montes; Oliveira; Silva, 2006).

Mais de oitenta por cento (80%) da população do distrito de Martinésia tem de nenhum rendimento até três (3) salários mínimos (Montes; Oliveira; Silva, 2006). Sendo que neste mesmo espaço se encontram também ricos fazendeiros que chegam a ganhar até 30 salários mínimos (Rastrelo e Silva, 2005).

Todo o distrito possui infra-estrutura tal como: água tratada, esgoto, asfalto e posto de saúde (Ferreira; Marçal Junior, 1997). No entanto, em caso de outras necessidades (tratamentos médicos, compras de mantimentos e agasalhos e até mesmo lazer) os moradores fazem uso do meio de transporte público para seguir até o distrito sede e realizar tais atividades.

2.2. Coleta de dados

“Se o experimento é repetível, a experiência é irrepitível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido para que o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (Larrosa (2001) apud Garrote, 2004, p. 31)

O primeiro contato com os moradores se deu por meio do Clube de Mães. O clube é composto por mulheres e adolescentes do distrito que se reúnem todas as quartas-feiras, no período da tarde. Estas reuniões circulam em torno de crochê, ponto-cruz, café, bolinhos de chuva, arroz doce, biscoito-frito e muita, muita conversa.

A partir destas conversas, uma dentre várias que tivemos, é que surgiu a idéia de pesquisar as plantas que pudessem servir de suplemento alimentar às crianças da creche. Com isso a necessidade de, primeiro conhecer o que há nos quintais dos próprios moradores do distrito e assim, caracterizá-los.

Assim, inicialmente a pesquisa teve como base a pesquisa-participante. Tal pesquisa tem como uma de suas premissas o sujeito social, buscando no decorrer do processo da pesquisa em campo a participação desses sujeitos como atores sociais e a participação dos mesmos junto a ações percebidas conjuntamente (Brandão, 2001; Garrote, 2004). No entanto o processo participativo se deu somente na decisão do tema a ser pesquisado, as outras decisões foram tomadas sem a participação da comunidade estudada em razão do tempo limitado para a realização de uma monografia.

A coleta de dados foi realizada no período de maio a dezembro de 2006. O grupo escolhido foi selecionado por meio de amostra não probabilística de seleção racional (Almeida; Albuquerque, 2002; Albuquerque, 2004), na qual um grupo específico é selecionado. Dentro do grupo a ser pesquisado uma ampliação da amostra foi feita utilizando-se o método “bola de neve”, em que um informante indica uma ou mais pessoas que ele acredita ser dotada de experiência no assunto abordado (Albuquerque, 2004).

A primeira entrevista foi marcada com uma das mães integrantes do Clube de Mães. Mais propriamente que uma entrevista, a conversa espontânea e natural resultou em nomes. Nomes estes reconhecidos pelo gosto e conhecimento sobre plantas bem como seu cultivo, manejo e utilização. Esta conversa inicial também resultou na elaboração da entrevista que seria aplicada aos futuros informantes. Vale lembrar que esta entrevista serviu mais de roteiro e apoio ao pesquisador, de modo a organizar a conversa, do que propriamente um questionário rígido e impessoal aplicado aos informantes.

Estando esclarecido este fato, a coleta de dados foi realizada pelo que chamamos de entrevista semi-estruturada (Apêndice I). As entrevistas semi-estruturadas possuem perguntas prévias e parcialmente idealizadas pelo pesquisador, mas caracterizam-se pela sua flexibilidade e natureza interativa, pois está passível de aprofundamentos em determinados aspectos, de acordo com a conversa com o entrevistado (Albuquerque, 2004; Garrote, 2004; Viertler, 2002).

Identificados alguns dos “nossos” especialistas locais e definida a entrevista, o trabalho foi iniciado. Segundo Albuquerque (2004) os especialistas locais são aqueles que mais são considerados pela própria população como bons conhecedores de plantas. Neste caso, especificamente, pessoas dotadas do saber plantar e cultivar as plantas dos quintais.

O primeiro contato com estes especialistas se deu com a minha apresentação, assim como o motivo por eu estar ali e quem o/a havia me indicado. Assim, após as dúvidas sanadas e o espanto por parte dos entrevistados - “por que estudar os quintais?” - era marcado o dia do meu retorno para a realização da entrevista.

De maneira a deixar o entrevistado o mais à vontade e espontâneo possível em seu próprio quintal, eu somente iniciava a entrevista perguntando que planta havia ali. Sem mais, as plantas que eu reconhecia e, no entanto, não eram citadas por eles, eu apenas anotava, de modo que eles me mostraram as que consideraram mais “interessantes”.

As plantas indicadas foram registradas por meio de fotografia digital. Estes registros foram utilizados para a identificação científica das espécies. A identificação do material botânico foi realizada por meio de comparação com materiais depositados no herbário HUFU, consulta à literatura e à especialistas.

As espécies identificadas foram classificadas em cinco principais categorias de usos. No entanto, algumas espécies se encaixaram em mais de um tipo de categoria. Sendo assim houve uma subdivisão resultando em 14 categorias de uso sendo: (A) Ornamental subdividida em Ornamentação, Ornamentação e alimentação, Ornamentação e medicinal, Ornamentação e outros e Ornamentação, medicinal e outros; (B) Alimentação subdividida em Alimentação, Alimentação e medicinal e Alimentação e outros; (C) Medicinal subdividida em Medicinal, Medicinal e condimentos e medicinal e outros; (D) Condimentos subdividida em Condimentos, Condimentos e outros e (E) Outros usos.

Vale lembrar que a categoria Outros usos engloba vários tipos de usos, sendo eles: defumação; ritual/religiosa; madeira pra mesa e cabo de enxada; cosmético – cremes, cabelo; repelente; cabaça; lúdico; higiene pessoal; oleífera; tintorial; adubação – “adubo verde”; inseticida; carretel para tear; forro pra matar “capado”; comida pra aves; estaleiro e “segura-chuva”.

As perguntas contidas na minha entrevista e que não foram abordadas no decorrer da conversa eram realizadas no final. No entanto, evitei o questionamento seco e direto, mas direcionava o assunto, dando um novo rumo a conversa para obter tais respostas. Quando ainda assim não obtinha a resposta desejada partia para o questionamento direto.

A medida que se findava a “prosa”, os entrevistados indicavam outros informantes, a meu pedido, que pudessem auxiliar no trabalho. Este levantamento realizado com os especialistas locais pode ser considerado representativo para todo o distrito, uma vez que estes informantes foram reconhecidos pela população local como bons detentores do conhecimento sobre plantas e cultivo das mesmas.

Vale lembrar que além de registrar as respostas na ficha de entrevistas, todas as conversas assim como outras observações foram registradas em um diário de campo. Segundo Viertler (2002), o diário de campo é uma ferramenta indispensável na pesquisa social antropológica. Garrote (2004) e Barbosa (2004) também fazem uso deste instrumento. Nele são anotadas as

observações feitas e até as impressões subjetivas tidas pelo pesquisador (Viertler, 2002; Albuquerque, 2004).

2.3. Análise dos resultados

“Como transitar entre a linguagem científica e a minha forma de escrever, como expressar, informar, discutir não de forma fria e puramente descritiva e sim com o sabor do café, dos bolinhos de chuva, ou com os pingos da chuva, os mergulhos em meio a ardência? Como não dizer dos olhares, que sempre olharam curiosos e, vez ou outra, mãos que se agarravam à minha, me seguiam pelos caminhos e mexiam em meus cabelos? Como não falar dos sorrisos tímidos, da simpatia e acolhimento de todas as famílias, das flores, das orquídeas, presentes nos quintais?” (Garrote, 2004, p. 4).

A análise dos resultados se deu por meio de uma avaliação qualitativa e quantitativa dos dados. A análise qualitativa foi priorizada em relação à análise quantitativa, sendo verificados desta os dados mais básicos tais como porcentagem e média. Embora Marques (2002) considere a análise qualitativa uma abordagem complementar, não deixa de considerar o alto valor desta abordagem para trabalhos de etnobotânica.

As respostas foram agrupadas procurando perceber pontos em comuns e divergentes nas entrevistas que pudessem subsidiar uma caracterização dos quintais. Além desta caracterização, subsidiar também, o entendimento sobre o lugar e quem o ocupa, suas interações e interpretações.

Os informantes da pesquisa são identificados no corpo do texto por meio de siglas, sendo então:

- mulheres: D.L.; I.A.; S.T.; I.C.; F.B.; D.B.; N.O.; C.Z.; B.E.; C.L. e M.O. e,
- homens: B.D.; O.N.; Z.C. e L.C.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

**“Um caminho de coqueiro
Que da num ranchinho
Do interior**

**Um pomar e um canteiro
Donde vem um cheiro
Bom de fruta e flor
E sendo passarinho
Ouvir sem cativo
O pássaro cantor**

**E almoçar feijão tropeiro
Feito por mineiro**

**“No meu quintal tem tico-tico e vira bosta.
Tem periquito papagaio e tangará
Tem cajueiro, mamoeiro e abacateiro
e tem um pé de bananeira
Que é pra gente se abanar
Tem cajueiro, mamoeiro e abacateiro
e tem um pé de bananeira
Que é pra gente se abanar**

**No meu quintal é só plantar que tudo cresce
A terra é boa nem precisa de adubar**

**Que é de bom sabor
É o descanso do guerreiro
Que merece ter todo trabalhador**

**À sombra do abacateiro
A prosa com o caseiro
Que é conversador
A cigarra no terreiro
O galo no poleiro
A noite já chegou
(...)”**

(Carlos Lyra – O descanso do guerreiro)

**Já plantei porco pra poder colher lingüiça
E vou plantar perna de moça
Que é pros bobos se babar
Já plantei porco pra poder colher lingüiça
E vou plantar perna de moça
Que é pros bobos se babar
(...)”**

(Renato Teixeira – Vira Bosta)

“Se pelo contrário, a minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos sociais a meros objetos da minha pesquisa.” (Freire, 1985, p. 35).

3.1. Da metodologia

Algumas opções metodológicas serão discutidas antes de passarmos para o resultado e discussão dos dados da pesquisa.

O registro no diário de campo foi de grande auxílio. Como as conversas não foram gravadas, as anotações do diário é que me permitiram “voltar” a Martinésia e, assim, conhecer os moradores e seus quintais. Optou-se por não fazer o registro fonográfico, pois nem sempre tal técnica é bem recebida pela comunidade, podendo ser considerada como invasiva à sua privacidade (Marques, 2002), o que pude perceber em algumas situações. Deste modo privilegiei uma maior liberdade entre meus informantes e eu.

Acredito que a associação tanto do registro fotográfico como da coleta de material a ser herborizado seria o ideal. Para as plantas com as quais o informante tem mais afinidade ou ciúme (em sua grande maioria ornamentais), o uso da fotografia é mais aconselhável. As demais, com a devida permissão do informante, poderiam ser coletadas para posterior incorporação ao herbário. A associação destas duas técnicas certamente muito acrescentaria ao trabalho, uma vez que o material herborizado permitiria uma maior facilidade na identificação das espécies e o registro fotográfico, por sua vez, oferece um rico acervo de informações visuais.

No que se refere à análise dos resultados, como já mencionado, se deu por meio tanto da avaliação qualitativa como quantitativa dos dados. Entretanto, em razão da estrutura da própria entrevista, mais aberta e subjetiva, a análise qualitativa foi priorizada. Considero aqui, principalmente, o “emocionar-se humano” (Marques, 2002). Nas palavras de Marques:

“Há fortes evidências de que os seres humanos sentem uma afinidade emocional inata para com os organismos vivos e para com os processos vitais. [...] São características assim – o emocionar-se humano – que podem servir como exemplos de fenômenos que demandam, se não exclusivamente, uma abordagem qualitativa complementar” (Marques, 2002 – pág. 38).

3.2. O perfil dos informantes

Ao todo foram onze casas visitadas e quinze informantes. Em quatro delas fui recebida pelo casal, que me acompanhou e conversou durante todo o decorrer da visita. Exceto esses quatro casos fui recebida em todas as outras casas por mulheres. Nas casas onde a conversa foi estabelecida com o casal, em duas delas o homem foi o responsável por grande parte das informações. Nas outras duas, a mulher é quem fez tal papel. Esses dados nos mostram que houve uma maior participação feminina, representando cerca de 73% de todos os informantes.

Segundo Viertler (2002), independente de qual seja a sociedade humana, esta possui sua própria estrutura social, formada por conjuntos de grupos sociais baseados em diferentes critérios, tais como: parentesco, sexo e também idade. Albuquerque; Lucena (2004) complementam ao dizer que o conhecimento varia de um grupo para outro. Estes mesmos autores afirmam que a casa, seus arredores e o quintal representam “espaços femininos” tanto nas sociedades indígenas como nas camponesas (Viertler, 2002; Albuquerque; Lucena, 2004). Tal afirmação vai ao encontro com o observado neste trabalho, uma vez que a participação feminina foi aproximadamente três vezes mais representativa do que a masculina.

O mesmo foi percebido por Barbosa (2004) ao estudar o uso de plantas medicinais em três localidades do município de Uberlândia. Mesmo que a maioria dos informantes era do sexo masculino (sete mulheres e dez homens), Barbosa (2004) notou que o quintal foi um ambiente bastante vinculado à figura feminina. Ao passo que os homens apresentaram uma maior vivência nos “matos”.

Brandão (1999) afirma que cuidados com a horta e as criações, assim como demais áreas da casa, são tarefas femininas. No entanto, faz a ressalva de que mesmo a área de cultivo domiciliar sendo atribuída aos cuidados femininos, o preparo do terreno para o plantio assim como a capina são atividades destinadas aos homens (Brandão, 1999).

A grande maioria dos informantes (dez) são idosos, com idade superior à 65 anos (Quadro 1). Dos demais, um tem idade inferior à 40 anos e o restante (quatro) na faixa entre 50 e 55 anos. Ficando a média de idade dos informantes por volta de 67 anos. Como já mencionado, cada grupo social detêm determinado conhecimento em sua sociedade (Viertler, 2002; Albuquerque; Lucena, 2004). Garrote (2004), em seu trabalho entrevistou, preferencialmente, pessoas idosas por ver nestas uma grande fonte de conhecimento e informações. Segundo ela: “[...] a sabedoria da terra fica predominantemente com os antigos, com aqueles que através dos tempos continuam a afagar terra e dela tirar o seu sustento.” (Garrote, 2004, p. 53).

Assim como já observado por Viertler (2002), Albuquerque; Lucena (2004) e Garrote (2004); percebe-se também neste trabalho o grande conhecimento que os idosos possuem, e a grande importância que este grupo social apresenta no que se refere ao conhecimento local.

Vale lembrar que além de bons conhecedores de plantas e do plantar, os idosos são assim reconhecidos dentro da própria comunidade. Foram os próprios informantes que indicaram as pessoas com o “gosto pelo plantar”.

A faixa etária dos informantes encontrada por Barbosa (2004) em seu trabalho foi de 35 a 75 anos. Percebe-se uma grande semelhança com o presente trabalho, o que vem a reforçar o alto grau de conhecimento de pessoas idosas.

Quadro 1 – Relação dos entrevistados divididos por faixa etária e gênero

Faixa etária	Nº de entrevistados	
	Homens	Mulheres
Adultos (até 59 anos)	---	04
Idosos (a partir de 60 anos)	04	07
Sub-total	04	11
Total	15 entrevistados	

Todos os informantes são de origem mineira, sendo que apenas quatro deles nasceram no distrito de Martinésia — um na zona urbana e três na zona rural. Oito vieram da zona urbana de outras cidades do estado e dois da zona rural de outras regiões do estado.

De todos os informantes oito moram no distrito há mais de 50 anos. Outros dois — um casal mora no distrito há mais de 20 anos e o restante (cinco) mora há menos de dez anos, sendo que destes, três moram há apenas quatro anos em Martinésia. Vale lembrar que dos que moram há menos de quatro anos, dois deles já moravam na zona rural do distrito.

Apenas quatro dos informantes trabalham fora de casa. Outros onze são aposentados. Dentre os aposentados três trabalham para fora quando na possibilidade de uma ocupação. Apenas uma se ocupa como dona-de-casa, sendo que as mulheres já aposentadas também cuidam dos afazeres domésticos em seu próprio domicílio.

A média de moradores por casa visitada foi dois. Em duas casas haviam quatro moradores e em outras duas haviam três moradores cada. Em outras quatro casas os informantes eram os únicos moradores, sendo todas mulheres. Nas três casas restantes havia duas pessoas: em duas delas um casal e na outra mãe e filho.

Independente da quantidade de moradores por casa foi percebido que na grande maioria, o informante que nos recebia é quem era o responsável pela despesa da família sendo que apenas um deles era dependente e um outro compartilhava as despesas com o restante dos moradores.

3.3. O espaço de cultivo da casa

O tratamento e a denominação dada ao espaço de cultivo da casa pouco variou. Parte dos informantes (sete) denominou tal espaço como “quintal”. Dois disseram que chamam tanto de “quintal” como também de “fundos” e um outro casal diferencia as áreas das frentes e dos fundos, denominando a primeira de “área verde” e a segunda de “quintal”.

Outras três denominações foram citadas: “roçado” e “roça” receberam uma indicação cada e “horta” duas. É válido lembrar que todas as denominações, com exceção de “fundos” e “área verde”, ao serem citadas vinham logo seguidas de explicações:

“Eu chamo aqui de roçado. Quintal é muito pequeno, roça é grande, então chamo de roçado” (I.A.);

“Ah, é horta mesmo! É tudo horta” (B.D.);

“É roça né. A cidade, que é considerada cidade, é da porta pra fora, porque aqui é roça mesmo” (C.Z.);

“Assim, você fala esse espaço é? Bom, eu chamo de quintal mesmo, aqui na frente e lá atrás. Quer dizer, em volta tudo né. Porque jardim eu acho que não é não. Aqui não é essa coisa arrumadinha, é tudo amontoado mesmo (risos)” (M.O.)

Diferentemente do apresentado por caiçaras, no Saco do Mamanguá - Paraty, RJ (Garrote, 2004), os informantes em Martinésia dispõem de um vocabulário mais vasto para se referir ao espaço de cultivo da casa. Garrote (2004) afirma que os caiçaras também reconhecem este espaço como quintal. No entanto diferem ao denominarem também, principalmente, como terreiro. Segundo alguns deles, quintal é murado e na cidade, já terreiro é aberto e fora da zona urbana (Garrote, 2004).

Sobre o tratamento e a atenção dispensada aos “quintais”, a maioria afirmou não haver hora nem data definidas. Os cuidados dispensados dependem da necessidade dos mesmos e/ou a possibilidade de quem os cuide. Outros ainda afirmaram que, quando necessário, fazem mutirões, chamando familiares e amigos, para o cuidado e limpeza do lugar.

Alguns (quatro) afirmaram passar o tempo que tem disponível cuidando e plantando no lugar. Outro informante afirmou não haver definição de tempo e data, mas reserva uma certa quantidade de dias da semana ou até horas do dia para que seja feito o cuidado, assim também como o plantio.

“Ah, se deixar eu fico o dia inteiro aí, plantando, cuidando né. O dia inteiro” (O.N.);

“Menina, é desde de que amanhece o dia, porque na roça não tem isso de horário não, é enquanto tiver tempo de sol pra trabalhar nós tá [...]. Semana inteira. Tem vez que passa semana que eu não vou no boteco da esquina. Porque as vezes nós vai lá e ouve as coisa que não precisa. É melhor fica aqui cuidando das planta” (B.C.);

“Não tem tempo certo não, mas eu tiro aí uns dois, três dias na semana, quando eu não trabalho, só pra ficar aqui” (M.O.).

Todos os informantes afirmaram que são os responsáveis pelos cuidados com o quintal. No entanto, alguns afirmaram que por restrições médicas ou por indisponibilidade de tempo contratam ou chamam alguém para que seja feito o “serviço pesado”, como a capina. Somente uma informante afirmou manter um funcionário fixo, pago para manter a limpeza do espaço.

Resultado semelhante foi observado por Brandão (1981) sendo a mulher a responsável principal pelo quintal e pelas atividades que demandam mais atenção e menos esforço (tais como pequenas plantações e criações).

“De antes eu ajudava ele, mas agora, minha filha, o médico não deixou” (N.O.).

O homem, por sua vez, lida com o trabalho mais pesado e com o plantio de frutíferas, que geralmente dispensa cuidados especiais (Brandão, 1981). Isto também se percebe em Martinésia uma vez que, mesmo em casas onde as mulheres são as responsáveis por todo o plantio, por vezes pagam homens para um serviço mais pesado, como a capina.

Todos os informantes afirmaram consumir produtos, animais ou vegetais, gerados em seus quintais. No entanto disseram que nem tudo vem daí. Nesse caso eles compram em “sacolão” em Uberlândia ou em verdureiros do próprio distrito, ou ainda ganham os produtos com vizinhos, amigos ou familiares.

“As que não tem a gente compra” (I.A.);

“[...] Hoje mesmo, de manhã, me alimentei de coisas do meu quintal. Um ensopado com couve, cebolinha e ora pro nobis. Mas nem tudo eu tenho aqui” (S.T.);

“As que não tem aqui a gente compra no sacolão, lá na cidade!” (B.D.);

“De antes falaram pra mim que aqui não dava café. Como não? Olha o pé aí olha! Esse ano mesmo já tirei de meia saca. Comprei um torrador e moedor e quando inteirar uma saca nós vai beber o café daqui” (O.N.);

“Ah, quando não tem a gente compra né, arruma com os outro” (N.O.);

“A gente compra no sacolão, né? Aproveita quando vai na cidade e já compra o que tá faltando” (B.E.);

“Ah, aí nós vai no sacolão né? Nós compra” (M.O.);

Quando questionados se vendem os produtos 14 pessoas disseram que não. Alguns deles até se espantaram com a pergunta e deram uma resposta negativa firme. Apenas um informante afirmou que quando sobra para a família ele vende os produtos. No entanto, acrescentou que a única vez que arrumou um comprador, este não lhe pagou.

“Não, não mesmo” (S.T.);

“Eu não planto pra vender não, mas se passar da fartura, nós vende sim” (O.N.);

“Teve uma vez que um rapaz esteve aqui e me levou 75 rama de mandioca. Mas até hoje nem sinal do dinheiro, foi embora, sumiu. O telefone que ele me passou nem é dele” (O.N.);

Em pesquisa realizada por Brandão (1981) em Mossâmedes (GO), raras são as vezes em que se vende algo produzido no quintal, seja de origem animal ou vegetal. Do mesmo modo, um único caso se percebe em Martinésia quando um senhor afirma que, em caso de fartura, venderia seus produtos. Vale lembrar que isto não chegou a ocorrer de fato, por falta de “compradores reais”.

Quanto ao destino dado aos produtos do quintal que não são consumidos a resposta foi unânime: compartilham. Inclusive o informante que afirmou vender produtos também compartilha com quem quiser. Em sua grande parte dividem com filhos, familiares, amigos e vizinhos. Outros até mesmo com quem aparecer e pedir, independente de conhecer ou não a pessoa.

“Nada, quando sobra é pros filho leva” (C.Z.);

“Não, vende não, dou aí pra quem quiser. Pro vizinho, amigo. Vender não” (F.B.);

“Não. Quando sobra aqui dentro eu distribuo com os vizinho. As vezes eles vem aqui e pedi: B.E., você me arruma um coco?” (B.E.);

“Não, que nada. Isso aí quando sobra a gente distribui com os filho, dá pra um vizinho” (M.O.);

“Compartilho com meus vizinhos, amigos” (S.T.);

“Não, vender nós não vende não. Quando dá muito a gente distribui aí com quem quiser” (B.D.);

“Tem amora também, você vai anotar? Ih, mas agora não sobrou mais nenhuma, os menino panharo tudo” (N.O.);

“Nada, a gente come e o que sobra os outro carrega” (C.L.).

No entanto um senhor afirmou fazer uma “seleção” das pessoas pra quem ele distribui os produtos. Segundo Z.C., ele distribui somente com os filhos (frase acima citada por C.Z, sua esposa) e com quem não tiver condições de plantar em casa. Para ele somente as pessoas que não são preguiçosas ou quem não tem um espaço físico para o plantio, isto é, que moram na cidade, é que merecem os produtos:

“Pode pega banana filha, pode pega a vontade porque é pra nós mesmo. Pra gente assim que nem você, que vive no comércio e não tem onde plantar eu não importo de dar não, divido mesmo. Mas tem uns preguiçosos aí que eu sei que tem terra e tem a metade da minha idade e não planta de a toa que é, e ainda vem pedir pra nós. Eu prefiro deixar perder do que dá pra eles” (Z.C.)

A circulação gratuita em Mossâmedes (GO) de produtos gerados nos quintais acontece praticamente entre familiares. Segundo Brandão (1981) esta doação se dá para parentes mais pobres ou mesmo para os que já tem uma ocupação, geralmente no meio urbano, e não dispõem de tempo nem de espaço para sua própria produção.

Amorozo (2007) encara como extremamente positiva esta troca, principalmente de produtos vegetais. Segundo ela a importância da troca percebida em Varginha – MT é devido ao fato, principalmente, da manutenção de determinadas espécies. Ou seja, caso haja a perda de determinada planta pode-se muito bem adquirir novamente o material por meio da troca, o que representa um tipo de “seguro vegetal” (Amorozo, 2007).

O uso de produtos vegetais oriundos do cultivo doméstico pode ser significativo para a economia familiar. Tais alimentos geram uma base material, passível de doação, troca, comercialização ou até mesmo diminuição dos gastos de subsistência. (Barbosa, 2004).

Segundo Tadeu, (2003), a diversidade de plantas encontradas nos quintais do distrito de Martinésia é uma importante fonte complementar à subsistência do proprietário. Amorozo (2007) indica os quintais como fonte de segurança alimentar global, como já foi mencionado nesse trabalho. Tal fato pode ser confirmado pela presença de uma grande variedade de alimentos nos quintais visitados, além das criações encontradas.

Ribeiro (2006) afirma que a origem da ajuda mútua entre os caipiras vem de tempos remotos de sua formação. Segundo ele, ao adentrarem em terras inabitadas, essas populações rarefeitas que só contavam com o convívio familiar via a importância de instituições solidárias tais como a formação de mutirões para determinadas tarefas, culto a um santo e as trocas e divisão dos produtos gerados pelo esforço de todos.

Todos têm ou já tiveram em algum momento algum tipo de criação. Atualmente seis deles possuem galinhas. Destes, apenas um aproveita a carne. O restante as utiliza como poedeiras. Um informante também cria porcos, com destino à aproveitar a banha e a carne. O restante, mesmo não tendo criação alguma, a não ser cachorros ou gatos de estimação, se deparam por vezes com galinhas de vizinhos ou da rua, que “passeiam” pelo quintal alheio.

Mesmo a maioria já sendo idosos, todos ainda querem modificar algo no quintal. Mudanças simples ou não: aumentar aqui, diminuir ali, plantar isso, cortar tal pé... Um único informante, quando perguntado, disse não querer mudar mais nada. No entanto, durante todo o decorrer da visita ele mostrava, em cada parte do quintal, modificações que ainda queria fazer.

“Falta cercar as galinha pra elas não comerem as plantas” (D.L.);

“Você já ouviu falar em mandala. Eu ainda quero fazer uma aqui, com caixa d’água da chuva no centro” (I.A.);

“Eu queria ter mais tempo de me dedicar mais ao meu jardim sabe, cuidar melhor. Mas a gente vive viajando” (S.T.);

“Ainda quero fazer um caminhozinho com cimento pra chegar até as planta lá do fundo e também quero plantar mais coisas” (I.C.);

“Ah, ainda quero pedir pro meu genro cerca ali e aqui pra mim. Cerca assim oh, só pra fazer uma hortinha pra mim, pras galinha não mexer” (F.B.);

“Ih minha filha, durante vida que eu tiver, não paro de arrumar isso aqui”;

“Conservar e aumentar as planta” (Z.C.);

“Eu ainda tenho um plano de colocar tornera d’água aqui pra que facilitar o zelo né [...] Eu ainda quero plantar tudo que é qualidade de banana” (C.Z.);

“A gente agora plantou uns pé de uva e quando eles tiver maiorzinho meu marido quer fazer um lugar pra elas crescer e forma um sombrero [...] Eu estou aí com umas mudas de lima pra plantar, elas já tão pegadinha já” (B.E.);

“Ah, nós ainda quer plantar um monte de trem: losna, arruda, hortelã, alevante” (C.L.);

“Eu ainda quero fazer um cercadinho pras galinha, pra poder plantar mais, porque as vezes elas não deixa ir pra frente” (M.O.).

No final da visita surgia a pergunta: “enfim, se você pudesse me definir, em palavras, o que o quintal representa pra você e pra sua família?”. Este momento veio em sua grande maioria seguido por uma leve pausa, um suspiro e a resposta relacionada à vida, à alegria e à felicidade.

“Ah, um laboratório, uma escola pra mim. Aprendo com as plantas, quando germinam, quando é fase de crescimento. Eu brinco que eu ainda quero fazer um curso de botânica para leigos, eu adoro plantas (risos)” (I.A.);

“O quintal é uma extensão de mim [...] Eu acordo e vejo o verde [...] É um laboratório [...] Um lugar de compartilhização de amor, entre as próprias plantas e nós” (S.T.);

“Ah, o quintal pra mim é uma vida [...] Na seca não, mas quando está assim, na chuva e fica tudo verdinho eu gosto de passar embaixo das árvores assim [...] Eu venho, passo, encosto assim nelas, venho, falo como ela está bonita. Daí eu vou ali e tenho que fala pra outra também porque diz que elas tem ciúme né, sente ciúme, aí eu vou, elogio” (I.C.);

“Ah minha filha, pra mim agora o quintal é alegria. Quando eu estou triste venho pra cá e fico aqui, passo a mão num ramo, elogio a flor, conversa com a manga (risos) [...] Eu venho pra cá e fico assim, muito melhor que ir na casa de um vizinho (risos)” (F.B.);

“Ah, é um pomarzinho, um lazer né! De vez em quando venho aqui, passeio por aí, agoa as plantas, planto outras, conversa com as planta” (D.B.);

“Ai, eu pra mim minha filha, meu quintal é um paraíso. Porque você sabe o que é o paraíso né, só coisa boa” (O.N.);

“Isso aqui pra nós é uma fonte de vida feliz. Isso pra nós é a nossa vida. Tira nós daqui da roça pra por na cidade, dentro daqueles apartamento pequenininho, espremido, é igual que nem tira peixe d’água. Aqui nós tem mais facilidade que na roça, e é bom que nem. Aqui nós só num tem vaca de leite, o resto (risos)” (C.Z.);

“Eu acho que se não tivesse planta, só terra, é triste. Penso que o quintal é vida, é mais alegre com planta. É bom você chegar aqui, passear no meio das plantas, vir, pegar um fruto e saber que a gente que plantou. Isso é muito bom” (B.E.);

“Uai, sei lá, parece que é uma diversão. É uma diversão pra mim. As vez eu estou meio assim, aí eu venho pra cá e até esqueço do tempo sabe. Fico aí no meio das planta, falo com uma, passo a mão na outra (risos). Eles diz que as planta também tem sentimento né, energia. Então, aí eu fico aí, no meio delas (risos)” (M.O.).

Apenas um informante ressaltou o quintal como um ponto de distância entre os vizinhos, um local de liberdade dentro da própria casa. No entanto, ressaltou também, como ponto de encontro familiar, onde se reúnem irmãos, filhos, sobrinhos.

“Sinto assim, como diria, é distância dos vizinhos. Por exemplo, que nem aqui do lado e lá no fundo. Quando vêm meus parentes de Uberlândia, a gente gosta de ficar aqui, ouvindo música. Eu adoro música, não que eu ouço alto, mas dá mais liberdade, não fica assim tudo juntinho” (D.L.).

3.4. Martinésia: ontem, hoje e amanhã

Quando perguntados sobre como era Martinésia antes, o que mudou e o que está diferente, as respostas pouco variaram: ora sobre a criação de Martinésia 2, bem como suas conseqüências, ora sobre a estrutura do distrito assim como a chegada de luz, asfalto e, conseqüentemente, uma maior movimentação de pessoas.

Oito dos informantes enfatizaram a mudança que houve com o aumento da área do distrito, ao se construir o loteamento que eles denominam de Martinésia 2, também conhecida como Cascalheira. Não raro se ouvia dizer que lá, antes, era “um mato só”, que não havia casa nenhuma. Segue abaixo trechos de conversas com alguns informantes:

“Ah, minha filha, era muito diferente! Aqui criava um “braquiário” e só tinha uma casa ali. Foi na época do Zaire [...] Lá pra baixo não mudou nada, é do mesmo jeito, mas aqui, de antes não tinha nada” (O.N.);

“Aqui era bem diferente, conhecia todo mundo. Naquele lado de lá, que o povo fala de Martinésia 2, meu filho mora lá, eu não conheço ninguém. De primeiro, quando fizeram lá, só tinha uma mulher que morava lá, ela até falava: nossa, parece que eu moro num deserto” (B.D.);

Apenas um dos informantes recordou a época anterior à criação do loteamento “Martinésia 2”. Segundo ele, onde hoje há o loteamento havia uma cascalheira (daí um dos atuais nomes do lugar), responsável pela derrubada do Cerrado existente no lugar:

“Eu lembro quando ali pra cima ainda não tinha aquela cascalheira, era cheio de mato. Eu entrava lá e saía com um buquê nas mãos. Cada uma de um tipo [...] era muito lindo” (S.T.)

Outro fato citado foi a mudança estrutural do distrito. Estes seis informantes relataram a época em que o distrito ainda não tinha uma infra-estrutura (asfalto, luz, etc.). Também lembraram que nessa época as casas eram diferentes. Segundo alguns deles, a população do distrito era muito maior do que hoje, chegaram a comentar que era cinco vezes maior (cerca de quatro mil pessoas).

“Assim, desde quando eu comecei a entender por esse tipo de coisa, prestar mais atenção nessas coisas, aqui mudou muito. De antes tinha uns casarão, daqueles de antigamente. Num tinha asfalto, nem luz. Só depois de um tempo que puseram isso tudo” (M.O.)

“De primeiro aqui tinha muito mais gente. Era cinco vezes mais do que tem hoje [...] Luz aqui chegou em 1952, era oito horas da noite, naquela casa lá perto da escola, ali da esquina. Que quando chegou todo mundo foi lá ver, aí virou festa (risos)” (L.C.)

“Ah, mudou muito. Está mudando cada ano, pra melhor. Postinho, polícia. Só que é devagar a mudança” (B.E.)

No entanto, ao se analisar essas mudanças, muitos consideram como vantajosas outros não. Alguns deles acreditam que o distrito, mesmo com uma população maior, era bem mais tranquilo do que nos dias de hoje. Atualmente pessoas passam pelo distrito vindas de outros lugares, devido a facilidade que o próprio asfalto proporcionou, o que, para alguns informantes, é uma desvantagem.

“Ih, aqui era muito diferente, era bem mais calmo” (I.C.);

“Hoje vem muita gente de fora pra cá. Vem aqui, passa o fim de semana, aí, de vez em quando, você ouvi falar de alguma coisa que aconteceu” (F.B.)

A imagem de que o progresso nem sempre traz benefícios também é percebida pelos moradores de Pretos de Baixo, Joanópolis – SP. Os moradores desta parte da Serra da Mantiqueira, mesmo sabendo da importância de tal processo, por vezes o encaram como desfavorável, uma vez que ele traz os “de fora” pra um lugar que antes só tinham “os daqui”, conhecidos e confiáveis (Brandão, 1999).

Mesmo assim, grande parte dos informantes (14) consideram estar felizes por morar em Martinésia e que não pretendem se mudar. Destes, quatro consideraram a possibilidade de se mudar. Dois somente se forem necessário, por motivo de emprego ou estudo dos filhos. Os outros dois caso tenha sua terra própria, legalizada. Apenas um afirmou querer se mudar para a fazenda, pelo motivo de que Martinésia já está muito insegura e agitada.

“Muita gente fala, nossa, mudar de Martinésia, ir pra cidade grande. Mas eu não penso assim não. Quando eu era jovem até que era bom ir pra lá, mas hoje não, aqui tem mais segurança, tranquilidade” (D.L.);

“Vontade de mudar eu não tenho não, a gente pega apego né! Mas também não é assim, se precisar mudar a gente muda né!” (S.T.);

“Eu não gosto nem de cidade grande. Quando vou lá já volto logo, só vou pra consultar. Acho muito perigoso, é muita violência, eu tenho medo. A gente num pode ver dois rapaz parado na rua que já atravessa pro outro lado de medo de ser ladrão. É muita ladronage” (I.C.);

“Eu não gosto de cidade grande não, pra mim aqui tá bão” (F.B.);

“Ah eu tenho, tenho sim. Queria mudar pra fazenda, aqui já tá muita bagunça, muito barulho” (B.D.);

“Eu não tenho vontade de mudar não. Já sofri demais em fazenda. Às vez quando ele passava mal a gente tinha que correr pra cidade, e era aquela dificuldade que só. Se a gente tivesse bom de saúde eu até tinha vontade de ir pra fazenda, mas do jeito que está não!” (D.B.);

“Nunca. Daqui só saio pro cemitério. [...] Se eu achar uma diretoria de lei de Deus ajuda pra mim, ter minha terra filha, eu ia agradecer demais” (O.N.);

“Não, aqui é muito tranquilo, sossegado. E por enquanto a escolinha aqui está boa pros menino, pelo menos até a oitava série a gente fica aqui, depois vê se precisa ou não mudar pra eles estudar” (B.E.).

3.5. A cultura botânica: o gosto pelas plantas

Sobre a origem do gosto e do conhecimento sobre as plantas, a maioria deles (oito) afirmou ser de origem familiar. Percebe-se, aí, a grande influência que os pais, avós ou outra figura familiar representou para os informantes. De todas as figuras representativas, a mais influente foi a figura materna, presente em cinco de oito depoimentos referentes à familiares.

“Isso é das minhas origens. Fui criada na fazenda. Meu pai e minha mãe adorava plantas, mexer com a terra. Desde cedo eu vivo isso” (I.A.);

“Ih, minha família gosta de plantar! [...] Meu avó adorava mexer com a terra. Ele morava muito nessas fazendas por aqui né, quando ele saía das fazenda dava horta. Em todo lugar que ele tava ele plantava!” (I.C.);

“Aprendi com meus pais. Minha mãe tinha uma mão muito boa pra plantar [...] ah, meu marido é que gostava de plantar um quintal” (F.B.);

“Ih filha, é hereditário, vem de mãe. Minha mãe adorava plantar, ela era apaixonada por rosa! Meu pai também era bom pra plantar. Um pouco também é porque nós viveu na roça né, mas outro tanto é dom [...] Mas as vezes a pessoa até morou na roça e tem um pedaço de terra e não produz nada, já outros que vive lá no comércio, nem tem espaço pra produzir e mesmo assim dá jeito” (C.Z.);

“Acho que é porque eu já cresci assim. Toda vida mexendo com planta, animal. Desde menina já ordenhava, acompanhava minha mãe nos plantio” (B.E.);

“Ah, com minha mãe. Ela sempre gostou muito de plantar e eu acompanhava ela” (M.O.).

Um informante afirmou que a origem do gosto vem da nossa própria ancestralidade. O gosto e o conhecimento já seria algo intrínseco ao ser humano. Independente da cultura, de ser passado ou não de uma pessoa à outra, de uma geração à outra, ele já existe em nós.

“Isso é dos nossos ancestrais né, já faz parte da gente, venho com eles até nós” (S.T.).

Dois informantes acreditam que isso seja um “dom”, doado por Deus a alguém específico e que nem todos os possuem. Há também a idéia de que a experiência leva ao conhecimento.

“Ah, com nós mesmo né!”. “A gente mexia com hortifrutigranjeiro né, então ia lá nas horta arrumar as mudas e via eles mexendo, aprendia com eles” (B.D.);

“Eu aprendi como diz né, por Deus mesmo [...] Ele que me direcionou, me ensinou” (O.N.);

“Oh, isso aí é porque eu garimpei demais. Índio é que sabe de raiz. Experiência é que conta. De primeiro, quando eu tava no garimpo, eu aprendi muito, eu é que fazia o remédio pros que tava ruim” (L.C.).

Sobre a transmissão desse conhecimento, a continuidade do “gosto pelas plantas”, nota-se uma grande variedade de respostas. O conhecimento não tem um público direcionado e, sim, a quem interesse tiver, podendo ser: filho, irmão, vizinho, conhecidos ou qualquer um.

“Eu não tenho muita teoria, não sei explicar. Mas as pessoas me vêem viver assim, acho que vêem o gosto que tenho em está aqui no meio das plantas, isso já ensina” (I.A.);

“Ah, de vez em quando vem alguém aí pedi uma planta medicinal, mas é bem assim. A pessoa me procura, aprende, de acordo com suas necessidades” (S.T.);

“Ah, minha irmã gosta muito de planta, aí nós troca, fala com um, com outro e assim vai” (I.C.);

“Ah ensino [...] A I.A. me chama de professor, fala que eu sou o professor dela (risos)” (B.D.);

“A gente troca né, ensina uns pros outros, aprende com um, ensina pra outro!” (D.B);

“É só quando eu acho alguém que tem meu dom. Mas tem que ter coragem senão o que que adianta né. Caso que só o dom não adianta se a pessoa não tiver coragem (O.N.);

“Uai, eu não passo não. Quem quiser que vem aprender, me procura” (C.Z.);

“Sempre que dá eu ensino pros meninos, eles gosta. Aí na hora de fazer uma muda chamo eles pra ajudar com os saquinhos, pedi pra abri buraco no chão pra plantar. A gente ensina assim” (B.E.);

“Ensino pra todo mundo. O que eu mais gosto é ensinar. Eu tento ensinar pros meus filho, mas essa juventude de hoje não presta atenção. Nós fala e daí a pouco eles pergunta: pra que que serve isso?” (L.C.);

“Passo. Tem uma netinha minha que adora plantar. Daí quando eu vou plantar ela fica me beirando. Aí eu vou passando. Ela já sabe muita coisa [...] Essa aí também é outra que já está me beirando, está começando a gostar” (M.O.).

O conhecimento popular não é passado e nem aprendido de maneira sistemática e formal. Ele se dá de maneira livre e espontânea, e depende de vários fatores sócio-culturais (Savastano; Di Stasi (1996) apud Barbosa, 2004). Amorozo (2007) afirma que este é um tipo

de aprendizado que começa cedo, quando as crianças acompanham os adultos e tomam parte na tarefa cotidiana e uma vez aprendido, dificilmente se esquece ou deixa de exercer.

O conhecimento popular não é democrático, ou seja, uns podem saber, outros não. Também não é democrático dentro da própria família, de modo que um filho pode saber mais que o outro. Não é igualitário entre os sexos: homens e mulheres sabem mais ou menos de acordo com as atividades exercidas (informação verbal)¹.

As informações apontadas por Savastano; Di Stasi (1996) apud Barbosa, 2004; Diegues (2006) e Amorozo (2007) são confirmadas pelas respostas dos informantes. Percebe-se uma tendência desse aprendizado ocorrer com os pais, por meio da observação das atividades cotidianas no cuidado com as plantas.

3.6. A riqueza vegetal

Nos onze quintais visitados foram encontradas um total de 230 espécies vegetais (Apêndice 2). As principais famílias encontradas, em um total de 74, foram: Asteraceae (19 espécies), Lamiaceae (17 espécies), Solanaceae (12 espécies) e Euphorbiaceae (10 espécies). Essas quatro famílias, que representam cerca de 5% de todas as famílias encontradas, contribuíram com aproximadamente 25% da riqueza das espécies encontradas.

Entre as famílias cujas espécies foram mais citadas temos: Asteraceae (32 citações), Lamiaceae (30 citações), Anacardiaceae (23 citações), Rutaceae (14 citações), Myrtaceae (18 citações), Euphorbiaceae e Poaceae (17 citações cada) e Solanaceae (16 citações). Estas que representam cerca de 10% de todas as famílias contribuíram com cerca de 40% de todas as indicações recebidas.

Em um trabalho sobre plantas medicinais na região norte do município de Uberlândia as famílias mais representativas encontradas também foram: Asteraceae, Lamiaceae e Euphorbiaceae (Barbosa, 2004).

O levantamento das espécies vegetais e seus usos indicaram a predominância da categoria Ornamental (36,2%). Este dado vem a confirmar a idéia de que quintais são áreas representativas femininas, uma vez que tal cultivo é quase que exclusividade das mulheres.

Seguindo, a categoria Alimentação foi a segunda mais considerada (33,4%). Isto vem a demonstrar a importância dos quintais em Martinésia como fonte complementar da renda

¹ Trecho da palestra de Antônio Carlos Diegues sobre Etnoconservação, apresentada no Sexto Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia, em Porto Alegre, RS, novembro, 2006.

familiar através dos produtos gerados nos próprios quintais.

As plantas destinadas ao uso medicinal e condimentar representam, respectivamente, 8,2% e 5,2% de todos os usos realizados. A categoria Outros usos contribui com 17% do total de espécies citadas. A seguir a Tabela 1 com os valores correspondentes para cada categoria de uso para os onze quintais visitados em Martinésia.

Tabela 1 – Porcentagem das espécies dos quintais de Martinésia, MG que compõem as diferentes categorias de uso.

Principais categorias de uso	Subdivisões das categorias de uso	Total de espécies	Porcentagem (%)
Ornamental	Ornamentação	59	25,7
	Ornamentação e alimentação	4	1,7
	Ornamentação e medicinal	8	3,5
	Ornamentação, medicinal e outros	3	1,3
	Ornamentação e outros	9	4,0
Sub-total		83	36,2
Alimentação	Alimentação	57	24,8
	Alimentação e medicinal	16	6,9
	Alimentação e outros	4	1,7
Sub-total		77	33,4
Medicinal	Medicinal	15	6,5
	Medicinal e condimentos	1	0,4
	Medicinal e outros	3	1,3
Sub-total		19	8,2
Condimentos	Condimentos	11	4,8
	Condimento e outros	1	0,4
Sub-total		12	5,2
Outros	Outros	39	17,0
Sub-total		39	17,0
Total		230	100

Observa-se bastante semelhança deste resultado com o resultado encontrado por Garrote (2004) no Saco do Mamangá (RJ). No que se refere às porcentagens das categorias de uso, Garrote (2004) encontrou as seguintes categorias: uso ornamental (42,1%), uso alimentar (27,3%), uso medicinal (11,9%) e uso condimentar (3,2%).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação dos moradores com seus quintais revelou-se dinâmica e afetuosa. Embora estas características sejam subjetivas e dificilmente mensuráveis, elas mostram a importância de se considerar as distintas áreas do conhecimento para a preservação dos recursos cultural e natural.

A riqueza de espécies vegetais encontradas nos quintais, assim como os relatos dos informantes em relação aos cuidados, usos e significados das espécies vegetais revelaram a importância destes quintais para os moradores do distrito de Martinésia, MG. Mesmo sendo uma área próxima a um grande centro urbano, ainda se percebe que os informantes possuem um vasto conhecimento e uma íntima relação com o meio a sua volta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. **Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil**. Acta Bot. Bras., vol.16, no.3, p.273-285, jul./set. 2002.

ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de (Org). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: LivroRápido/NUPEEA, 2004. 189p.

ALMEIDA, C. de F. C. B. R. de; ALBUQUERQUE, U. P. de. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência**, v. 27, n. 6, p. 276-285, jun. 2002.

ALPHANDÈRY, P.; BITOUN, P.; DUPONT, Y. **O equívoco ecológico: riscos políticos da inconseqüência**. São Paulo: Brasiliense, 1992. 189p.

AMOROZO, M. C. M. **A perspectiva etnobotânica e a conservação de biodiversidade**. In: Congresso da Sociedade Botânica de São Paulo, XIV, Rio Claro: UNESP, 2002. 2p.

AMOROZO, M. C. M. **Sistemas agrícolas tradicionais e a conservação da agrobiodiversidade**. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/ea/adm/admarqs/MariaA.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2007.

BALICK, M. J.; COX, P. A. **Plants, people, and culture: the Science of Ethnobotany**. New York: Scientific American Library, 1997. 228p.

BARBOSA, J. M. **Análise etnobotânica de plantas medicinais em comunidades do município de Uberlândia, MG**. 2004. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004. 35p.

BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N; SILVANO, R. A. M. Ecologia Humana, Etnoecologia e conservação. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Ed.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: Unesp. 2002. p. 93-128.

BRANDÃO, C. R. **Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981. 181p.

BRANDÃO, C. R. **O afeto da terra: imaginários, sensibilidade e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da Mantiqueira, em Joanópolis**. Campinas, SP: ed. da Unicamp. 1999. 175p.

BRANDÃO, C. R. A participação da pesquisa no trabalho popular. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001. p. 223-251.

DIEGUES, A. C. (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. 2. ed. São Paulo: ANNABLUME, 2000. 290p.

FERREIRA, C. B.; MARÇAL JUNIOR, O. Enteroparasitoses em escolares do distrito de Martinésia, Uberlândia, MG: um estudo piloto. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 30, n. 5, p. 373-377, set.-out. 1997.

FONSECA-KRUEL, V. S. da; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 1, p. 177-190, mar. 2004.

FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazer a melhor através da ação. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**, 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, 211p.

GARROTE, V. **Os quintais caiçaras, suas características sócio-ambientais e perspectivas para a comunidade do Saco do Mamanguá, Paraty-RJ**. 2004. 186 p. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004. 186p.

GUARIM NETO, G.; MORAIS, R. G. de. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botanica Brasilica**, v. 17, n. 4, p. 561-584, dez 2003.

MARQUES, J. G. W. O olhar (des)multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Ed.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: Unesp. 2002. p. 31-46.

MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V. S. da; ANDREATA, R. H. P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 2, p. 391-399, jun. 2004.

MONTES, S. R.; OLIVEIRA, H. C. M. de; SILVA, R. R. e. **Cidade média e desenvolvimento local: relações socioespaciais de Uberlândia (MG) e seus distritos**. Disponível em: <<http://www2.prudente.unesp.br/gasperr/simposio/SilmaRabelo.PDF>>. Acesso em: 13 dez. 2006.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, D. (Ed.). **Suma Etnológica Brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes/FINEP, 1987. p.15-28.

RASTRELO E SILVA, R. Martinésia e as festas de São João Batista. **Caminhos da Geografia**, v. 2, n. 14, p. 11-26, fev. 2005.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. Co. de Bolso. 2006. 433p.

TADEU, R. Moradores dos distritos sofrem com o desemprego. **Correio**. Uberlândia, p. 3, 04 ago. 2003.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800). Tradução. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 454 p.

VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Ed.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: Unesp. 2002. p. 31-46.

WOORTMANN, E.; WOORTMANN, K. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997. 192p.

APÊNDICE 1

Modelo da entrevista semi-estruturada

I. Identificação do informante e do núcleo familiar

1.1 Nome:

1.2 Endereço:

1.3 Sexo: () Masculino () Feminino

1.4 Ano de nascimento: ___/___/___

1.5 Naturalidade:

II. Identificação do núcleo familiar

2.1 N° de pessoas que moram na casa: () idosos () adultos () adolescentes ()
crianças

2.2 Principais atividades desenvolvidas pelos responsáveis do grupo familiar:

III. Dados da propriedade

3.1 Tipo de habitação:

3.2 Histórico da propriedade:

- ✓ Há quanto tempo mora aqui?
- ✓ Como era aqui quando a família - você chegou?

IV. Dados sobre o manejo do quintal

4.1 Como denomina o espaço próximo à casa?

4.2 Quem cuida desse espaço?

4.3 Quantas horas - tempo de trabalho, são gastas diariamente no quintal?

4.4 Quais plantas você tem em seu quintal?

4.5 Você cultiva as plantas que consome?

4.6 Você realiza alguma atividade de compra e venda dessas plantas?

4.7 Você compartilha essas plantas com alguém?

4.8 Se você não as tem onde você vai procurar?

4.9 No caso do plantio, onde se consegue o material?

4.10 Existem árvores ou plantas que nasceram espontaneamente? Quais?

4.11 O que está faltando em seu quintal?

4.12 Tem criação no quintal?

✓ Tipo de criação

✓ Quantidade e finalidade

4.13 O que o quintal representa pra você e para sua família?

V. Dados sobre o conhecimento e a transmissão do mesmo

5.1 As plantas que você tem em seu quintal servem pra quê:

() alimento () remédio () ritual - religioso () decorativo () brincadeira () outros

5.2 Com quem você tomou “gosto” por plantas. Onde aprendeu o que sabe?

5.3 E você ensina isso pra alguém?

VI. Tem vontade de se mudar desse lugar (do lugar)? Para onde? Por quê?

APÊNDICE 2

Listagem botânica das plantas coletadas nos quintais de Martinésia, Uberlândia – MG

NNI – nome popular não identificado; NQ – Número de quintais onde a planta foi encontrada

Família	Nome científico	Nome popular	NQ	Usos
Acanthaceae	<i>Justicia carnea</i> Lindl.	NNI	1	Ornamental
Adoxaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Sabugueiro	2	Outro
Aliaceae	<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha, Cebola de folha	6	Condimentar
	<i>Nolthoscordum inodorum</i> (Aiton) G. Nicholson	Cheiro verde, alho	1	Outro
	<i>Tubaghia violacea</i> Harv.	Alho	1	Ornamental
Amaranthaceae	<i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Scheygr.	Penicilina	2	Medicinal (anti-inflamatório)
	<i>Amaranthus viridis</i> L.	Canuru de porco	1	Alimentar (salada)
	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva de Santa Maria	1	Outro
	<i>Gomphrena globosa</i> Linn	Perpétua roxa	1	Medicinal (cordas vocais)
	<i>Spinacia oleracea</i> L.	Espinafre	1	Alimentar
Amaryllidaceae	<i>Crinum</i> sp.	Suçena, Açucena	1	Ornamental
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju, Caju do campo	10	Alimentar (suco)
	<i>Anacardium</i> sp.	Caju do cerrado	1	Outro
	<i>Mangifera</i> sp.	Manga	11	Alimentar
Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	2	Alimentar, medicinal (brônquios)
Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva doce, Funcho	3	Condimentar, medicinal (gases)
	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) A. W. Hill	Salsinha	3	Condimentar
Apocynaceae	<i>Allamanda polyantha</i> Mull.Arg.	NNI	1	Ornamental
	<i>Asclepias physocarpa</i> Schltr.	Papo de anjo, árvore de natal	1	Ornamental
	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	Guatambú	1	Medicinal (diabete), outro
	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Assá-peixe, Boa noite, Bom dia, Mulata da sala	3	Medicinal (pneumonia), ornamental
	<i>Ervatamia coronaria</i> Stapf	Café, Rosa carmeli, Carmeli	2	Ornamental
	<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	2	Medicinal, ornamental
APICACEAE	<i>Anthurium</i> sp.	Salsa paredão, Salsa parrilha	2	Medicinal (doenças infecciosas), ornamental
	<i>Alocasia lowii</i> L.	Costela de adão	1	Ornamental
	<i>Alocasia macrorrhiza</i> Schott	Taioba	3	Alimentar, medicinal (úlceras)
	<i>Caladium X hortulanum</i> Birdsey	Folhagem, Fotagi	2	Ornamental
	<i>Calocasia esculenta</i> Schott	Cará de inhame, Inhame, Inhame roxo, Inhame japonês	7	Alimentar, medicinal (pressão)
	<i>Dieffenbachia amoena</i> Hort. Ex Gentil	Comigo-ninguém-pode	1	Ornamental
	<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott	Tipo cipó imbé anão	1	Ornamental
APICACEAE	<i>Atalea speciosa</i> Mart.	Palmeira de babaçu, Babaçu	1	Ornamental

Família	Nome científico	Nome popular	NQ	Usos
	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco da Bahia	4	Alimentar
	<i>Phoenix dactylifera</i> L.	Tâmara	1	Alimentar, ornamental
	<i>Syagrus oleracea</i> Becc.	Gueiroba, Gueiroba, Guariroba	7	Alimentar
Asparagaceae	<i>Asparagus setaceus</i> (Kunth) Jessop	Bambuzim	1	Ornamental
Asphodelaceae	<i>Aloe arborescens</i> Mill.	Babosa, Aloe vera	1	Ornamental, outro
	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.	Babosa, Aloe vera	4	Medicinal (câncer), ornamental, outro
Asteraceae	<i>Achillea millefolium</i> Linn.	Marcelinha, Macelinha	3	Outro
	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Mentraso	1	Medicinal (estômago)
	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna, Marcela Canforada, Alosna	3	Medicinal (sinusite, dor de cabeça)
	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Artemísia, Artemija	1	Outro
	<i>Bidens rubifolia</i> H.B. & K.	Picão	1	Medicinal (fígado e estômago)
	<i>Cichorium inybus</i> L.	Almerão	1	Ornamental
	<i>Cichorium</i> sp.	Almerão, Língua de padre	1	Ornamental
	<i>Dahlia pinnata</i> Cav.	Dália	1	Ornamental
	<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Guaco	3	Alimentar (chá), medicinal (bronquite, tosse, gripe)
	<i>Polymnia sonchifolia</i>	Batata Iacon	1	Alimentar
	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Arnica	5	Alimentar (chá), medicinal (machucado, dores reumáticas)
	(<i>Sonchus oleraceus</i>) L.	Dente de leão, Serralha, Serraia	2	Alimentar (salada, refogado)
	<i>Stevia rebaudiana</i> (Bert.) Bertoni	Estévia	1	Condimentar ("adoçante natural")
	<i>Tagetes erecta</i> Linn	Cravo; Cravo de defunto; Tarjute	3	Ornamental, outro
	<i>Taraxacum officinale</i> Weber	Dente de leão	1	Outro
	<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A. Gray	Flor do mel, Flor de mel	1	Ornamental
	<i>Ulexia kubitzkii</i> H. Rob.	Girasolzinho	1	Ornamental
	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Boldo	1	Outro
	<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	Assá-peixe	1	Outro
Balsaminaceae	<i>Impatiens balsamina</i> Linn	Beijinho	1	Ornamental
Begoniaceae	<i>Begonia aconitifolia</i> A. DC.	Begônia	1	Ornamental
Bignoniaceae	<i>Crescentia cujete</i> L.	Coité	1	Outro
	<i>Memora axillaris</i> K. Schum.	Carobinha	1	Ornamental
	<i>Podranea ricasoliana</i> Sprague	Sete-Iguas	1	Ornamental
	(<i>Tabebuia aurea</i>) (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S. Moore	Caroba	1	Ornamental
	<i>Tabebuia</i> sp.	Ipê roxo	1	Ornamental
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	2	Medicinal (bronquite), ornamental, outro
Boraginaceae	<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei	3	Outro
Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> variedade <i>acephala</i> (Brassica rapa L.)	Couve, Couve	5	Alimentar
	<i>Raphanus raphanistrum</i> L.	Mostarda	1	Alimentar
		Nabo forrageiro	1	Ornamental, outro

Família	Nome científico	Nome popular	NQ	Usos
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	1	Alimentar
Cactaceae	<i>Pereskia bleo</i> DC.	Ora-pro-nobis, Ora-pro-nobis de arbusto	2	Alimentar, ornamental
	<i>Pereskia sp.</i>	Arupunobi, Ora-pro-nobis, Ora-pro-nobis nativo	3	Alimentar
	<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Ora-pro-nobis de rama	1	Alimentar
	<i>Schlumbergera truncata</i> (Haw.) Moran	Flor de maio	2	Ornamental
Cannaceae	<i>Canna demidata</i> Roscoe	Lírio	1	Ornamental
	<i>Canna X generalis</i> L.H.Bailey	Flor de São José	1	Outro
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	7	Alimentar
Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i> Reissek	Espinheira santa	1	Outro
Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas</i> Lam.	Batata amarela, Batata doce, Batata roxa	4	Alimentar
	<i>Ipomoea cairica</i> Sweet	Ipoméia	1	Medicinal (doenças psíquicas), ornamental
Costiaceae	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Caná de macaco	3	Alimentar (chá), medicinal (rins)
Crassulaceae	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Folha santa	1	Medicinal (dor de cabeça)
	<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Poelln.	Fartunha, NNI	2	Ornamental
	<i>Sedum dendroideum</i> Moc. & Sessé ex DC.	Bálsamo, Balso	4	Alimentar, medicinal (olhos - cicatrização, digestivo, ouvido, úlcera)
	<i>Sedum morganianum</i> Walth.	Dedim, Didim	1	Ornamental, outro
Cucurbitaceae	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Abóbora	1	Alimentar
	<i>Cucurbita moschata</i> Duchesne	Abóbora	2	Alimentar
	<i>Luffa aegyptiaca</i> Mill.	Bucha vegetal	1	Outro
	<i>Momordica charantia</i> L.	Cipó de São Caetano	1	Alimentar, medicinal (fígado, malária)
	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	5	Alimentar
Cupressaceae	<i>Thuja</i> sp.	Tuia	1	Ornamental
Cyperaceae	<i>Cyperus papyrus</i> Linn	Papiro	1	Ornamental
Davalliaceae	<i>Nephrolepis pectinata</i> (Willd.) Schott	Samambaia	2	Ornamental
Dioscoreaceae	<i>Dioscorea alata</i> L.	Cará	4	Alimentar
Ebenaceae	<i>Diospyros kaki</i> L.	Caqui	1	Alimentar
Euphorbiaceae	<i>Codiaeum variegatum</i> Blume	NNI	1	Ornamental
	<i>Croton zehneri</i> Pax. & K. Hoffm.	Canelinha	1	Outro
	<i>Euphorbia leucocephala</i> Loisy	Neve da montanha, Vêu de noiva, Barba de velho	1	Ornamental
	<i>Euphorbia ingens</i> E. May.	NNI	1	Ornamental
	<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd. ex Klotzsch	Girassol	2	Ornamental
	<i>Jatropha podagrica</i> Hook.	Bálsamo, Butijãozinho, Garraão, Meriolate	4	Medicinal (cicatrização), ornamental
	<i>Manihot esculenta</i> Pohl.	Mandioca	4	Alimentar
	<i>Manihot</i> sp.	Mandioca cenoura	1	Alimentar

Família	Nome científico	Nome popular	NQ	Usos
	<i>Ricinus sp.</i>	Mamona gigante	1	Outro
	<i>Ricinus sp.</i>	Mamona roxa	1	Ornamental
Fabaceae (Leguminosae) – Caesalpinioideae	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-Brasil	1	Ornamental, outro
	<i>Caesalpinia pulcherrima</i> Sw.	NNI	1	Ornamental
	<i>Cassia fistula</i> L.	Chuva de ouro	2	Ornamental
	<i>Senna bicapsularis</i> Roxb.	Pau de cachimbo	1	Outro
	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo, Tamarino	2	Alimentar
Fabaceae (Leguminosae) – Faboideae (Papilionoideae)	<i>Arachis repens</i> Handro	Amendoim	1	Alimentar
	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	Feijão andu, Feijão anú	2	Alimentar, outro
	<i>Canavalia ensiformis</i> (L.)	Feijão de porco	1	Outro
	<i>Crotalaria juncea</i> L.	Crotalânia	1	Outro
	<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.	Anil	2	Outro
	<i>Inga sp.</i>	Ingá	1	Alimentar
	<i>Lupinus albus</i> L.	Tremoso	1	Outro
	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão, Feijão de vage	2	Alimentar
	<i>Sizolobium aterrimum</i> Piper & Tracy	Mucuna preta	1	Outro
	<i>Sizolobium deeringianum</i> Bort.	Mucuna rajada, mucuna de touceira, feijão macasto, feijão mucuna	1	Outro
Geraniaceae	<i>Pelargonium hortorum</i> L.H.Bailey	Malva	1	Ornamental
	<i>Pelargonium sp.</i>	Outro tipo de malva	1	Ornamental
Hydrangeaceae	<i>Hydrangea macrophylla</i> Ser.	Hortênsia, Hortênsia rosa	2	Ornamental
Iridaceae	<i>Gladiolus hortulanus</i> L.H.Bailey	Palma	1	Ornamental
Juncaceae	<i>Juncus effusus</i> L.	Junco	1	Outros
Lamiaceae	<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	Alfazema	1	Outros
	<i>Mentha sp.</i>	Alevante	1	Outros
	<i>Mentha sp.</i>	Hortelã	3	Alimentar (suco, chá)
	<i>Mentha pulegium</i> L.	Posajo	1	Medicinal (gripe)
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriço	3	Condimento (carne)
	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Alfavaca	4	Alimentar, medicinal (tosse)
	<i>Ocimum selloi</i> Benth.	Alfavaca	1	Alimentar (chá), medicinal
	<i>Origanum vulgare</i> L.	Orégano	1	Condimento
	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lou.) Spreng.	Hortelã-pimenta, Melhoral	2	Medicinal (gripe, bronquite)
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	3	Alimentar (chá)
	<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Boldinho	1	Medicinal
	<i>Pogostemon patchouly</i> Pellet.	Patchouli, Patchoulin	2	Outro
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	3	Condimento
	<i>Salvia officinalis</i> L.	Salva, Salvia	1	Medicinal (doenças cardíacas)
	<i>Salvia splendens</i> Ker Gawl.	Sangue de Cristo	1	Ornamental

Família	Nome científico	Nome popular	NQ	Usos
	<i>Solenostemon X scutellarioides</i> (L.) Codd.	Tapete	1	Ornamental
	<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd.	Mirra, Incenso	1	Outros
Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Canela	1	Condimento
	<i>Persea americana</i> MILL.	Abacate	6	Alimentar, medicinal (dores reumáticas)
Lythraceae	<i>Lagerstroemia indica</i> L.	NNI	1	Ornamental
	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	3	Alimentar, outro
Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	9	Alimentar
Malvaceae	<i>Abelmoschus esculentus</i> L.	Quiabo	1	Alimentar
	<i>Abutilon darwinii</i> Hook.f.	Brinco de princesa amarelo	1	Ornamental
	<i>Abutilon striatum</i> Dicks.	Brinco de princesa	1	Ornamental
	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	2	Medicinal (pele, anti-inflamatório, anti-hemorragico)
	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> Linn.	Cravo em flor, Beijo	3	Ornamental
	<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	Castanha do Pará	1	Outros
	<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacau	1	Alimentar
Melastomataceae	<i>Trembleya</i> sp.	Quaresminha do campo	1	Ornamental, outro
Meliaceae	(<i>Azadirachta indica</i>) A. Juss.	Nin	1	Ornamental, outro
Moraceae	(<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul.) <i>Ficus carica</i> L.	Mama-cadela Figo	2 5	Alimentar Alimentar
	<i>Morus alba</i> Y.B.Wu	Amora	2	Alimentar
Muntingiaceae	<i>Muntingia calabura</i> L.	Calabura	1	Medicinal (ereção)
Musaceae	<i>Musa X paradisiaca</i> L.	Banana, Banana da terra, Banana fartura, Banana maçã, Banana marmelo, Banana misçura, Banana nanica, Banana prata, Banana roxa	6	Alimentar, outro
Myoporaceae	<i>Capraria biflora</i> L.	Chá da Índia	1	Medicinal ("santo remédio")
Myrtaceae	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	Cagaia	1	Alimentar
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	5	Alimentar
	<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O.Berg	Jabuticaba	7	Alimentar
	<i>Myrciaria glazioviana</i> (Kiaersk) G. Barroso & Sobral	Cabeluda	1	Alimentar
	<i>Psidium firmum</i> O.Berg	Goiabinha do mato	1	Outro
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	4	Alimentar
	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merrill. & Perry	Cravo	2	Alimentar (chá)
	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Jambolão	1	Alimentar
Nyctaginaceae	<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	Buganville, Sempre lustrosa	2	Ornamental
	<i>Mirabilis jalapa</i> Linn.	Maravilha	1	Ornamental
Oleaceae	<i>Jasminum nitidum</i> Skan	Jasmim estrela	1	Alimentar (chá), ornamental
	<i>Jasminum sambac</i> Sol.	Jasmim	1	Ornamental
Orquidaceae	<i>Cattleya</i> sp.	Orquidea	3	Ornamental

Familia	Nome científico	Nome popular	NQ	Usos
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	1	Alimentar
	<i>Oxalis corniculata</i> L.	Trevo, Trevo da sorte	1	Ornamental
Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	1	Alimentar
	<i>Passiflora serrata</i> L.	Maracujá da Bahia	1	Alimentar
	<i>Passiflora alata</i> Curtis	Maracujá doce	1	Alimentar
Pedaliaceae	<i>Passiflora eichleriana</i> Mast.	Maracujá selvagem	2	Alimentar, outro
Phytolaccaceae	<i>Sesamum indicum</i> L.	Gergelim	1	Alimentar
Piperaceae	<i>Piperia alliacea</i> L.	Guiné	2	Medicinal (gripe, mal-olhado), outro
	<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta do reino	3	Condimento
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L.	Transsagem, Transsage	4	Alimentar (chá), medicinal (garganta, alta)
Poaceae	<i>Arundo donax</i> L.	Cana do reino	1	Outro
	<i>Bambusa vulgaris "vittata"</i> Schrad.	Bambu	1	Ornamental, outro (estaleiro)
	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	Conta de lágrima	1	Medicinal (rins), outro
	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf.	Capim Bom Jesus, Capim-cidreira, Erva-cidreira, Erva-cidreira de capim	8	Alimentar (chá), medicinal (coração)
	<i>Cymbopogon winterianus</i> Jowir	Citronela	3	Outro
	<i>Melinis minutiflora</i> Beauv.	Capim-melão	1	Outro
	<i>Vetiveria zizanioides</i> Stapf.	Capim vetiver; Vetiver	1	Ornamental, outro
	<i>Zea mays</i> L.	Milho	1	Alimentar
Portulacaceae	<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	Onze horas	1	Ornamental
	<i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn.	Fura tacho, Mata cumpadi	2	Alimentar
Rosaceae	<i>Eriobotrya japonica</i> Lindl	Anêspara, ameixa japonesa, ameixa amarela	1	Alimentar
	<i>Fragaria vesca</i> L.	Morango	1	Alimentar
	<i>Malus domestica</i> Borkh.	Maça	2	Alimentar
	<i>Prunus persica</i> L. Batsch	Pêssego	1	Alimentar
	<i>Rosa x grandiflora</i> Hort.	Rosa, Roseira	5	Alimentar (licor), ornamental
	<i>Rubus brasiliensis</i> Mart.	Amora preta, amora selvagem	2	Outro
	<i>Spiraea cantoniensis</i> Lour.	Grinalda de noíva	1	Ornamental
Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	Café	3	Alimentar
	<i>Genipa americana</i> L.	Genipapo	1	Alimentar
Ruscaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort ex Paine " Laurentii "	Espada de São Jorge	1	Outro
Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Laranja, Limão, Lima, Mexericá	11	Alimentar
	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	3	Medicinal (mal-olhado)
Sapindaceae	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Árvore de natal, Dedim	1	Medicinal (câncer), ornamental
Solanaceae	<i>Brugmansia</i> spp.	Beladona	1	Medicinal (varizes, feridas), ornamental
	<i>Brunfelsia uniflora</i> (Phol.) D. Don	Manacá	1	Ornamental
	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta	1	Condimento
	<i>Capsicum</i> sp.	Pimenta café	1	Condimento
	<i>Capsicum</i> sp.	Pimenta dedo de moça	1	Condimento

Família	Nome científico	Nome popular	NQ	Usos
	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Fumo	1	Ornamental
	<i>Solanum cernuum</i> Vell.	Panacéia	1	Medicinal (rins)
	<i>Solanum diflorum</i> Vell.	Pimenta de enfeite	1	Ornamental
	<i>Solanum gilo</i> Raddi.	Jiló	2	Alimentar
	<i>Solanum lycocarpum</i> St. Hil.	Lobeira, Lobera	1	Ornamental
	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba, Jubeba	4	Alimentar, medicinal (rins)
	<i>Solanum sisymbirifolium</i> Lam.	Juá	1	Ornamental
Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba	1	Outro
Verbenaceae	<i>Duranta repens</i> Linn "Aurea"	Brinco de ouro, Pingo de ouro	3	Ornamental
	<i>Lantana camara</i> L.	Camará, Cambará	2	Medicinal (pulmão), ornamental
	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	Alfavaca, Erva-cidreira, Erva-cidreira de rama, Melissa, alfavaca de árvore	4	Alimentar (chá), medicinal (doenças pulmonares)
	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (L.P. Rich) Vahl.	Jerbão	1	Outro
	<i>Stachytarpheta martiana</i> J.K.Schau	Jerbão	1	Outro
Vitaceae	(<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicholson & C.E.Jarvis)	Insulina	1	Outro
	<i>Vitis labrusca</i> L.	Uva, parreira	5	Alimentar
	<i>Vitis vinifera</i> L.	Uva	1	Alimentar
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt. & R.M. Sm.	Água de colônia	1	Medicinal (hirsípedi), ornamental, outro
	<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão, Safrão	4	Condimentar, outro (tintorial)
	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	2	Alimentar (conhaque, vinho, quentão), medicinal (tosse, gripe)